

Revista de Guimarães

Publicação da Sociedade Martins Sarmento

O ALTAR DE PRATA DA SÉ PORTUENSE.

PASSOS, Carlos de

Ano: 1938 | Número: 48

Como citar este documento:

PASSOS, Carlos de, O Altar de Prata da Sé Portuense. *Revista de Guimarães*, 48 (4) Out.-Dez. 1938, p. 237-244.

Casa de Sarmiento
Centro de Estudos do Património
Universidade do Minho

Largo Martins Sarmento, 51
4800-432 Guimarães

E-mail: geral@csarmiento.uminho.pt

URL: www.csarmiento.uminho.pt



Este trabalho está licenciado com uma Licença Creative Commons
Atribuição-NãoComercial-SemDerivações 4.0 Internacional.

<https://creativecommons.org/licenses/by-nc-nd/4.0/>

O Altar de Prata da Sé Portuense

Em 1929, no meu livro *Pôrto*, da colecção *Monumentos de Portugal*, referi o transvio de um códice importante para a história do altar de prata da capela do SS. Sacramento, erecta na Sé Portuense, devido ao qual me limitara a utilizar os extractos do mesmo publicados no livro *Artes e Artistas em Portugal*, de Sousa Viterbo, que na Biblioteca Municipal do Pôrto o compulsou em 1890. Erradio andou por largos anos êsse *Livro da receita e despeza da obra do sacrario do S.S. Sacramento da Sé desta cidade... que começa do anno de 1632 annos*; talvez da vagabundice repêso, agora volveu a penates, conforme a explicação prévia inserta na *Origem das Procissões da Cidade do Pôrto* (pg. 8), obra manuscrita do Padre Luís de Sousa Couto, existente no Arquivo da Câmara Municipal Portuense e por esta em 1936 dado à estampa.

Já no meu supradito livro tinha declarado (pg. 30) que várias notícias escritas por Sousa Viterbo pareciam falhas de completa exactidão; a êsse defeito agora junto mais o da omissão de factos importantes e o do mingramento de outros resenhados. E' óbvio que êste preclaro autor com alguma negligência ordenou a sinopse do dito manuscrito. Por êsse efeito e por a matéria não ser despicienda renovo tal suma, completando-a no necessário.

A execução da obra do sacrário foi entregue, pela respectiva confraria (1), a Manuel Teixeira e a seu genro Manuel Guedes, prateiros de Lamego; dêste facto deduz-se que mais no Pôrto falhavam, então, ourives de categoria que em Lamego. Aos 31-Maio-1632 celebrou-se o contrato (2), no qual não ficou registado

(1) Representada pelos mordomos João Figueiredo e Baltasar Pinto Aranha.

(2) Na presença do governador da Relação, Diogo Lopes de Sousa, 2.º conde de Miranda.

o preço do trabalho; estipulava, no entanto, a soma de 20.000 réis como *ajuda de custo de mudarem suas casas para esta cidade* e a obrigação de fazerem a obra com tôda a perfeição que pudessem. Para tal obra concorreram muitas esmolas e como das maiores distinguiram-se as do Cabido e da Câmara. A 1.^a verba da receita, no valor de 30.000 réis, foi constituída pela multa aplicada, em 1-Março-1632, a J. Costa Vasconcelos, por sentença de Diogo Lopes de Sousa, governador da Relação, o qual a cedeu à confraria. Em junho a Câmara deu-lhe 200.000 réis e 50.000 o Cabido.

Só aos 28-Nov.^o-1639 entregaram os artistas o 1.^o corpo ou andar do sacrário, com auto lavrado na casa de Manuel Guedes, morador na rua dos Banhos (1). Nêle e nos autos seguintes não aparece Manuel Teixeira; isto permite supor que já tinha morrido ou voltado a Lamego.

Esse 1.^o corpo, com 2,^m02 de largo e 1,^m02 de alto, pesava 178 marcos, 3 onças e 6 oitavas (41,075 quilos), que ao preço de 2.600 réis o marco de prata importaram em 466.375 réis (valor actual da prata, a 300 réis o grama, 12.322.500 réis). O 2.^o corpo foi entregue aos 13-Maio-1641, na casa do prateiro, então morador na rua da Calçada de S. Francisco. Media 1,57 X 0,78 e pesava 100 marcos e 6 onças (23,068 k.), dos quais 50 marcos receberam o preço de 2.660 réis cada um e os restantes o de 2.680, somando, pois, 269.010 réis (valor actual 6.920.400 réis). Anos volvidos, em 13-Junho-1647, pronto ficou o 3.^o corpo, cuja entrega se realizou na casa do ourives Miguel Pereira. Media 1,20 X 0,60 e pesava 63 marcos e 3 onças (14,623 k.), no valor de 218.010 réis a 3.440 réis o marco (valor actual 4.386.900 réis). Finalmente, a confraria recebeu o 4.^o corpo em 4-Junho-1651 (2), na casa do ourives Bartolomeu Nunes, residente na rua da Fonte Ourina, estando presentes o mesmo, Manuel Guedes e Pedro

(1) Destruída em 1872 e substituída pela rua da Nova Alfândega.

(2) Acêrca desta entrega há no códice dois registos de contas: um com a sobredita data (na pg. 89) e outro com a de 13 de Junho (na pg. 60).

do Couto, também ourives, a fim de verificarem o pêso da prata. Media 0,85 X 0,43 e pesava 60 marcos, 7 onças e 6 oitavas (13,936 k.), visto incluir a imagem de Cristo, mais o resplendor, a cruz, o pedestal e a abóbada com 6 remates, 3 painéis, 6 quartelas com banco e prego e 14 tarraxas, no valor de 209.734 réis a 3.440 réis o marco (valor actual 4.180.800 réis).

Verifica-se, pois, que a maior parte da obra do sacrário foi efectuada por Manuel Guedes, ao qual só auxiliaram Manuel Teixeira, no 1.º corpo, e Bartolomeu Nunes, no 4.º. Logo, poderemos dizer que foi êle o mestre do sacrário.

Nenhum dos autos de entrega menciona o preço do feito. Porém, o termo de pg. 65, relativo ao 4.º corpo, diz que se pagaram aos ourives 48.775 réis de mão de obra e no termo de 29-Outubro-1648 vê-se que por cada marco se pagariam dois cruzados de feito a Bartolomeu Nunes e um cruzado a Manuel Guedes. O preço de um cruzado também é referido pelo termo de 5-Junho-1650, relativo ao 4.º corpo. Em tal caso, Manuel Guedes haveria recebido uns 200.000 réis (da época) por todo o seu trabalho, o que não parece bastante.

Dezanove anos demorara a realização de tão bela e magnífica obra. Todavia, êste facto algo fica obscurecido pelo termo de 5-Junho-1651 (dia seguinte ao da entrega do 4.º corpo), registado na pg. 58 verso, pois declara que a Bartolomeu Nunes entregou a confraria mais 124.999 réis para continuar a obra do sacrário. Não aparecem outras informações. E' de crer, portanto, que à colocação e aos adequados arranjos do sacrário se reporte êsse termo e não a novas obras.

A feitura do sacrário não comportou as varandas balaüstradas (1) que separam os seus andares. Não há notícia da do 1.º; a 2.ª fê-la Sebastião Nunes, *planteiro* da Reboleira (2), e foi pesada em 19-Dezem-

(1) Roubaram-nas os liberais, como bons patriotas, na época das lutas legitimistas, segundo a voz da tradição. As actuais foram fabricadas na Companhia Aurifícia, entre 1872 e 75.

(2) Sousa Viterbo (in op. cit., pg. 134) anotou como singularidade êste qualificativo aplicado ao ourives Manuel de Sousa

bro-1670 (26 marcos, 2 onças e 2 oitavas, que custaram 105.125 réis, a 4.000 réis o marco). O ourives ou plateiro Manuel de Sousa compôs, decerto, a 3.^a, pois que o termo de 9-Março-1671 assinala a entrega ao mesmo de dois *padastais*, que já não serviam no sacrário, para se continuar a dita varanda, cujo feitio se pagaria a 700 réis o marco. A colocação destas peças complementares só ao fim de 20 anos se realizou.

*

Mui apreciável, sem dúvida, é esta obra de arte, apesar da falha de homogeneidade no estilo (mixto de barroco e renascença) e na execução; ao grande alongamento desta se poderá recorrer para justificação de tais defeitos. Em todos os seus corpos há belas composições bíblicas em meio relêvo, assim descriminadas:

1.º corpo — Nas faces, três relevos: Sonho de Jacob, Sacrifício de Isaac e Melchisedec oferecendo o pão e o vinho. Na varanda, as figuras dos 4 evangelistas, em corpo inteiro (3). Nas 6 colunas compósitas: no têrço inferior as figuras relevadas da Justiça, Teologia, Retórica, Fôrça, Temperança e Prudência; no vazamento, os relevos da Criação do Mundo, Formação do Homem, Formação da Mulher, Tentação no Paraíso, Reconhecimento da Culpa, Expulsão do Paraíso; no friso, decoração de brutescos.

2.º corpo — Nas faces, os relevos de Elias sustentado pelo Anjo, Maná no Deserto, Páscoa antes da saída do Egipto. Na varanda, as figuras, em meio relêvo, de S. Tiago, Santo André, S. Filipe e S. Bartolomeu. Nas 6 colunas compósitas: no têrço inferior, lavrados barrocos; no vazamento, os 7 sacramentos, em relêvo; no friso, motivos barrocos.

3.º corpo — Nas faces, os relevos da Ceia de Cristo, Jejum no Deserto, Discípulos de Emaús. Na va-

(cujo nome trocou pelo de João de Seabra Sousa, mordomo da confraria), não reparando que Sebastião Nunes de igual modo era mencionado.

(3) Cumpre lembrar que estas varandas e figuras não são as primitivas, mas as da Aurifícia.

randa, as figuras, em meio corpo, de S. Pedro, S. Paulo, S. Tomé e S. Simão. Nas 6 colunas compósitas, lavrados Renascença; no vazamento, lavrados iguais; no friso, motivos mixtos (barocos e Renascença).

4.^o corpo — Nas faces, os relevos da Fé, Esperança e Caridade. No vazamento das 6 pilastras barocas, rematadas com pirâmides, lavrados mixtos; no friso, lavrados renascença.

*

Empenhada em mais opulentar a fábrica da sua capela, decidiu a confraria o guarnece-la com magnífico antipêndio ou frontal de prata. Para essa obra foram contratados os ourives Pedro Francisco, dito o Francês, e Manuel de Sousa, moradores na Reboleira, em 28-Maio-1676. Segundo o têrmo respectivo, o francês Pedro Francisco devia fazê-lo *de meio relêvo lavrado de flores e a modo estrangeiro e suas figuras também de meio relêvo nas partes que se lhe apontarem, na qual obra não entrará cousa usada, salvo se fôr de necessidade, e as chapas feitas de proporcionada grossura, e o dará bem acabado, cingido de uma moldura sendo necessário de chapa lavrada, tudo a contento de pessoas que melhor o entenderem.* Manuel de Sousa receberia a prata, combinado com o outro em lha dar *priada*, e dela prestaria contas. Ambos se comprometiam a não intrometer outra obra nessa que lhe encomendavam, salvo se lhe faltassem os aviamentos (1).

A entrega do frontal realizou-se aos 29-Dezembro-1678. Media 2,24 X 1,02 e pesava 119 marcos e 1 onça (27,310 quilos), no valor de 560.400 réis (actual, a 300 réis o grama, 8.193.000 réis). De feitio pagou a confraria 297.811 réis, a 2.500 réis o marco. Por ficar essa obra *muito perfeita e de bom feitio e constar que era de maior valor e dizerem que tiveram perda na prata*, recebeu Pedro Francisco mais 10.000 réis e Manuel de Sousa mais 5.000 réis. E' óbvio que foi o

(1) Um têrmo de 2-Novembro-1672 (na pg. 79) lembra a remessa de certa quantia para Lisboa, destinada à obra do frontal de prata. Presume-se disto que nessa data houve algum contrato com artistas lisboetas, o qual depois ficou invalidado.

francês o único lavrante do frontal, dessa bela e primorosa peça de ourivesaria; o outro apenas o auxiliou. Pedro Francisco, sem dúvida, era um grande artista.

*

Outras obras complementares do retábulo mandou fazer a confraria. Em 7-Junho-1679 contratou a da banquetta e dos anjos ⁽¹⁾ com Pedro Francisco e o ensamblador Gonçalo Ferreira, da Ferraria de Baixo. A banquetta devia corresponder ao frontal no lavrado e os anjos deviam ser mais altos quatro dedos que os de pau prateado existentes no mesmo altar e segundo o modelo de barro que lhes foi apresentado. O termo da entrega dos anjos registou-se em 29-Setembro-1681. Pesavam 108 marcos e 6,5 onças e custaram 865.040 réis, a 4.700 réis o marco de prata e a 3.250 o marco do feito. Contudo, os referidos artistas não concluíram juntos o contrato firmado, porque os separou um conflito. Assim o comprova o termo de 9-Abril-1681, pelo qual se sabe que Pedro Francisco disse na confraria não lhe convir receber o dinheiro juntamente com o ensamblador, por efeito de dúvidas surgidas com êle; por isso, d'ora-avante, o seu fiador seria o ourives de prata João Teixeira, da rua da Reboleira, que, presente na ocasião, afirmou aceitar o encargo.

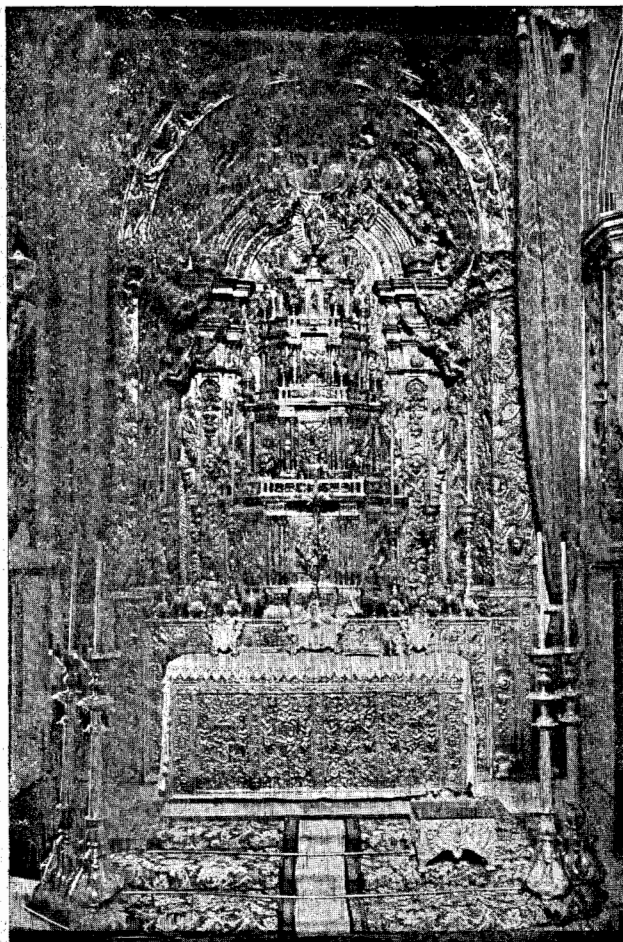
A banquetta ficou pronta em 1682 (o termo é de 2-Agôsto); pesava 25 marcos e 3 onças e custou 201.750 réis ⁽²⁾, a 4.700 réis o marco de prata e a 3.250 o do feito.

*

Quer o frontal quer a banquetta sobressaem como duas excelentes obras de ourivesaria artística, cinzeladas no gôsto germânico (baroco), na época mui apreciado e apregoado. Entre a exuberante decoração fitomórfica e fantasiada avultam as figuras dos evan-

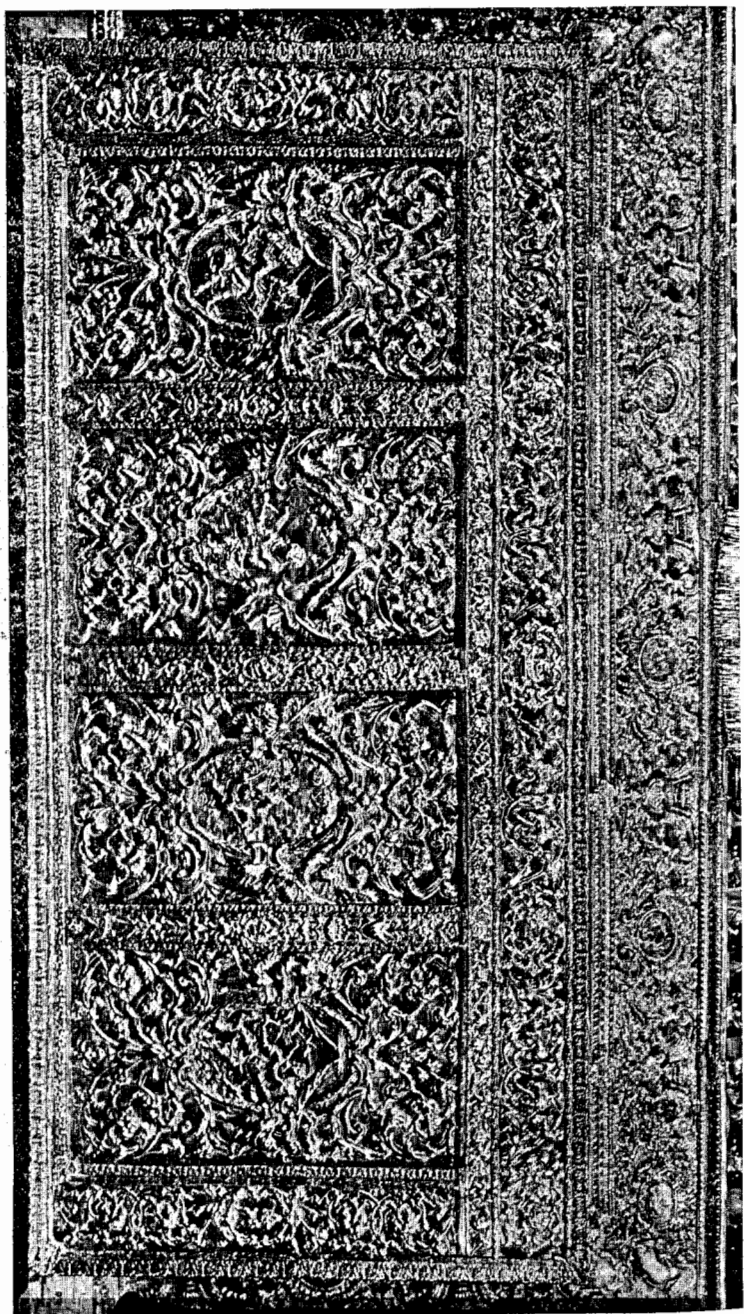
⁽¹⁾ Estes desapareceram.

⁽²⁾ Mais dez tostões da tábuia e as chapas para as tábuas dos anjos, com o pêso de um marco e 7 onças, no valor de 10.842 réis, fora 2.000 réis de feito.



Retábulo e altar de prata

(grav. do Pôrto, *Monumentos de Portugal*).



Frontal de prata — Sé do Porto — Séc. XVII
Capela do SS. Sacramento

gelistas e dez composições bíblicas, em meio relêvo, cuja distribuição patenteia o esquema seguinte :

	Cristo ante Caifás	Cristo ante Anás	Horto de Getsemani	Lava-Pés	Ceia				
	Menino entre os Doutores	Bodas de Canaan	Discipulos de Emaús	Tentação no Deserto	Agonia no Horto				
Pregos	Turquês	Esperança	S. Mateus	S. Marcos	S. Lucas	S. João	Caridade	Escada	Martelo

*

Em 28-Junho-1683 com o ourives João Teixeira tratou a confraria a realização de 4 tocheiros de prata ⁽¹⁾ e os concertos das peças de prata da mesma. Estes importaram em 7.037 réis; os tocheiros, com o pêso de 80 marcos, 1 onça e 1 oitava, custaram 444.800 réis, a 4.700 o marco de prata e a 800 o do feitio.

*

Das várias notícias do aludido códice apura-se a existência, no Pôrto e no período de 1632 a 83, dos seguintes ourives ⁽²⁾ :

- 1632 — Manuel Teixeira (sacrário)
- 1632 a 50 — Manuel Guedes (sacrário)
- 1647 — Miguel Pereira
- 1648 a 51 — Bartolomeu Nunes (sacrário)
- 1651 — Pedro do Couto

⁽¹⁾ Desapareceram. Os actuais vêm de 1884, também mandados fazer pela confraria.

⁽²⁾ A nota publicada por Sousa Viterbo é incompleta. E' de crer, todavia, que houvesse mais que os indicados.

- 1668 — Manuel Barbosa (imagens de S. Pedro e S. Paulo)
 1670 a 72 — Sebastião Nunes (2.^a varanda do sacrário)
 1671 a 76 — Manuel de Sousa Amaral (3.^a varanda do sacrário)
 1676 a 82 — Pedro Francisco Francês (frontal, banquetta e anjos)
 1681 a 83 — João Teixeira (tocheiros).

Apura-se mais o custo da prata, por marco :

- 1639 — a 2.600 réis (1.^o corpo do sacrário)
 1641 — a 2.600 e a 2.680 (2.^o corpo do sacrário)
 1647 — a 3.440 (3.^o corpo do sacrário)
 1651 — a 3.440 (4.^o corpo do sacrário)
 1665 — a 4.000 e 4.700 (profetas e frontal)
 1670 — a 4.000 (2.^a varanda)
 1671 — a 3.600 (3.^a varanda)
 1678 — a 4.700
 1681 a 83 — a 4.700 (anjos, tocheiros e banquetta).

Também se apura o custo do trabalho da prata, por marco (as diferenças de preço na mesma ocasião derivam da qualidade da obra):

- 1648 — a 960 réis (Bart. Nunes) e a 480 (Guedes ?)
 1671 — a 700 (3.^a varanda)
 1678 — a 2.500 (frontal)
 1681 e 82 — a 3.250 (anjos)
 1682 — a 2.000 (banqueta)
 1683 — a 800 (tocheiros).

Eis o essencial do conteúdo no referido códice (4).

CARLOS DE PASSOS.

(4) Bibliografia: *Pôrto (Arte Portuguesa)*, do autor, 1926 — *Pôrto (Monumentos de Portugal)*, do autor, 1929 — *O Tripeiro*, 15-Março-1919 (artigo de Laurindo Costa) — *Artes e artistas em Portugal*, Sousa Viterbo, 1920 — *A ourivesaria e os nossos artistas*, Laurindo Costa, 1917.